

Elio Rodolfo Parisí
Domenico Uhng Hur
Fernando Lacerda Júnior
organizadores

DICIONÁRIO DE
**PSICOLOGIA POLÍTICA
LATINO-AMERICANA**


Alínea
EDITORA

DICIONÁRIO DE
PSICOLOGIA POLÍTICA
LATINO-AMERICANA

organizadores

Elio Rodolfo Parisí
Domenico Uhng Hur
Fernando Lacerda Júnior



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dicionário de psicologia política
latino-americana / organizadores Elio Rodolfo
Parisi, Domenico Uhng Hur, Fernando Lacerda
Júnior. -- Campinas, SP : Editora Alínea, 2023.

ISBN 978-65-5755-059-5

1. Dicionários técnicos 2. Psicologia
3. Psicologia política I. Parisi, Elio Rodolfo.
II. Hur, Domenico Uhng. III. Lacerda Júnior,
Fernando.

23-173399

CDD-320.19

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicologia política 320.19

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Todos os direitos reservados ao

Grupo Átomo e Alínea

Rua Dr. José de Campos Novaes, 243

Guanabara - Campinas-SP - CEP 13023-290

PABX: (19) 3232-9340 / WhatsApp: (19) 9.8168-0857

www.atomoelinea.com.br

Impresso no Brasil

Foi feito o depósito legal

SUMÁRIO

Prólogo	007
Apresentação	011

A

Abordagem psicopolítica	016	Assistência Social	035
<i>Lis Sanya Pérez</i>		<i>Victor Cesar Amorim Costa e Isabel Fernandes de Oliveira</i>	
Adolescência	020	Ativismo e militância	039
<i>Flávia Cristina Silveira Lemos, Igor do Carmo Santos, Bruno Jáy Mercês Lima e Artur Nascimento Barbedo Couto</i>		<i>Aline Reis Calvo Hernandez</i>	
Anarquismo	024	Autonomia	042
<i>Dennis Fox</i>		<i>Guilherme Augusto Souza Prado</i>	
Antipsiquiatria	031	Autoritarismo	047
<i>Facundo Corvalán e Félix Temporetti</i>		<i>Edgardo Etchezahar</i>	

B

Biopolítica	052
<i>Vinicius Furlan</i>	

C

Capitalismo	056	Conscientização	081
<i>Fellipe Coelho-Lima e Yuri Freire de Almeida</i>		<i>Patricia Mariel Sorribas</i>	
Classe social	060	Conservadorismo	086
<i>Hugo Leonardo Fonseca da Silva</i>		<i>Telma Regina de Paula Souza</i>	
Colonialidade, colonialismo intelectual e descolonização	064	Construcionismo social	092
<i>Saulo Luders Fernandes e João Paulo Sales Macedo</i>		<i>Mariana Prioli Cordeiro</i>	
Comunismo	068	Consumo informativo	095
<i>Filipe Boechat</i>		<i>Ana Pamela Paz García</i>	
Conflito armado	073	Cultura	099
<i>Julio Jaime-Salas e Juan Carlos Arboleda-Ariza</i>		<i>Guilherme Augusto Souza Prado e Antonio Vladimir Félix-Silva</i>	
Consciência política e suas múltiplas perspectivas	077		
<i>Salvador Antonio Mireles Sandoval</i>			

D

Decisões políticas.....104	Direitos humanos.....118
<i>María Inés Acuña</i>	<i>Adrian Manzi</i>
Deficiência e inclusão.....109	Diversidade sexual e de gênero122
<i>María Elena Bronzi</i>	<i>Henrique Araujo Araguskuku</i>
Desmobilização armada115	
<i>Juan Carlos Arboleda-Ariza e Julio Jaime-Salas</i>	

E

Economia solidária128	Esquizoanálise e esquizodrama140
<i>Egeu Esteves, Cris Fernández Andrada e Leny Sato</i>	<i>Domenico Uhng Hur</i>
Ecosocialismo132	Estado144
<i>Tadeu Mattos Farias</i>	<i>Domenico Uhng Hur e Gardenia de Souza Furtado Lemos</i>
Emprego137	Extremismos políticos150
<i>Livia Gomes dos Santos</i>	<i>Domenico Uhng Hur</i>

F

Família156	Feminismo164
<i>Victor Cesar Amorim Costa</i>	<i>Ondina Pena Pereira</i>
Fatalismo160	Feminismo marxista168
<i>Kíssila Teixeira Mendes e Pedro Henrique Antunes da Costa</i>	<i>Isana Rodrigues Braz e Fernando Lacerda Jr.</i>

G

Gênero174	Guerrilha184
<i>Begoña Leyra Fatou</i>	<i>Domenico Uhng Hur</i>
Globalização179	
<i>Hernán Fair</i>	

H

Homofobia190
<i>Renato Barboza e Alessandro Soares da Silva</i>

I

Identidades políticas196	Identificações políticas199
<i>María Virginia Quiroga</i>	<i>María Virginia Quiroga</i>

Imperialismo202	Infância209
<i>Tadeu Mattos Farias</i>	<i>Flávia Cristina Silveira Lemos, André Benassuly Arruda,</i>
Inclusão207	<i>Arthur Elias Silva Santos e Larissa Azevedo Mendes</i>
<i>Livia Gomes dos Santos e Bader Burihan Sawaia</i>	

M

Marxismo216	Migração231
<i>Fernando Lacerda Júnior</i>	<i>Patrícia Binkowski</i>
Masculinidades221	Minorias236
<i>Matias de Stéfano Barbero</i>	<i>Aline Reis Calvo Hernandez</i>
Memória coletiva226	Movimentos sociais241
<i>Anna Turriani</i>	<i>Patricia Mariel Sorribas</i>

N

Negritude248	Neurociências252
<i>Nicolás Ignacio Viapiana</i>	<i>André Vieira dos Santos</i>

O

Opressão política258
<i>Edgar Barrero Cuellar</i>

P

Participação política264	Pós-estruturalismo – Jacques Rancière298
<i>Marina Cuello-Pagnone</i>	<i>Frederico Viana Machado e Frederico Alves Costa</i>
Performatividade271	Prisão303
<i>Pablo Hoyos González e Lucía Núñez Rebolledo</i>	<i>Pedro Paulo Gastalho de Bicalho</i>
Polarização política275	Privatização307
<i>Mireya Lozada</i>	<i>Márcia Prezotti Palassi</i>
Política278	Protestos, manifestações e ocupações311
<i>Domenico Uhng Hur</i>	<i>Leandro Amorim Rosa</i>
Políticas públicas283	Psicologia317
<i>Maria Fernanda Aguilar Lara e Henrique Araujo Aragusuku</i>	<i>David Pavón-Cuellar</i>
Políticas sociais288	Psicologia crítica323
<i>Isabel Fernandes de Oliveira</i>	<i>David Pavón-Cuellar</i>
Populismo292	Psicologia política – definição329
<i>Frederico Alves Costa e Frederico Viana Machado</i>	<i>Elio Rodolfo Parisí</i>

Psicologia política – história.....332	Psicologia política latino-americana – métodos de pesquisa.....342
<i>Domenico Uhng Hur</i>	<i>Silvina Brussino</i>
Psicologia política – teorias.....338	
<i>Yinhue Marcelino Sandoval</i>	

Q

Questão agrária.....348
<i>Victor Aurélio Santana Nascimento</i>

R

Raça e racismo354	Redes populares367
<i>Lia Vainer Schucman e Monica Mendes Gonçalves</i>	<i>Flávia Cristina Silveira Lemos, Bruno Jáy Mercês de Lima e Karla Dalmaso Sousa</i>
Radicalidade360	Religião371
<i>David Pavón-Cuéllar</i>	<i>Silvio José Benelli</i>
Reconciliação364	Ruralidades375
<i>Juan Carlos Arboleda-Ariza e Julio Jaime-Salas</i>	<i>Melquisedeque de Oliveira Fernandes, Jáder Ferreira Leite e Fernando Landini</i>

S

Saúde do trabalhador380	Sofisticação política.....388
<i>Isabel Lopes dos Santos Keppler</i>	<i>Daniela Alonso</i>
Saúde mental384	Subjetividade política393
<i>Aluísio Ferreira de Lima e Pedro Renan Santos de Oliveira</i>	<i>Andrea Bonvillani</i>

T

Tecnologia.....400	Trabalho410
<i>Ernst Schraube</i>	<i>Fellipe Coelho-Lima</i>
Teoria(s) da dependência.....405	Transformação social414
<i>Pedro Henrique Antunes da Costa e Kissila Teixeira Mendes</i>	<i>Ana Ludmila F. Costa</i>

V

Violência.....420	Violência política424
<i>José Galeano da Costa</i>	<i>Yorelis Acosta</i>

X

Xenofobia428
<i>Jose Guillermo Fouce Fernández</i>

PRÓLOGO

Sinto-me muito contente e orgulhoso em participar deste dicionário, que chega para preencher um vazio. Toda obra preenche um vazio, bem como todo um filho preenche um espaço. Contudo, é um pouco incômodo para mim que se chame *Dicionário de Psicologia Política Latino-americana*. Isso de América Latina não existe. Por acaso Itália, Romênia, pertencem a esse continente? Pode-se dizer que França, com duas ilhas no Caribe e um pequeno pedaço ao norte do Brasil, seja parte da América Latina?

Minha proposta é que falemos de Nossa América, nos mesmos termos que utilizaram os patriotas Simón Bolívar e José Martí: a América que vai do Rio Grande para o Sul, já que ela é nossa América.

O nome América Latina foi uma invenção dos franceses quando invadiram o México, em 1863*, e necessitavam ter algo que os identificasse com esse mundo desconhecido, onde guerreavam por ordem de um imperador, o qual, a única coisa que tinha de 'grande' era o sobrenome: Bonaparte. Assim, encomendaram a um sociólogo francês, Michel Chevalier, que buscasse algum elemento que os identificasse com o território invadido. Ele sustentou que os países ao sul dos Estados Unidos eram 'latinos' e 'católicos', enquanto os Estados Unidos e Canadá eram 'anglo-saxões' e 'protestantes'.

Entretanto, nem todos os latinos estão na América Latina, ou são latino-americanos: Itália não tem nada a ver, por exemplo, com nosso território geográfico. Espanha e Portugal são os dois que mais povoaram Nossa América; já o resto dos outros países latinos não tem nada a ver com nosso continente.

Das duas coisas mencionadas no início, destaco que a mais importante é a que se refere à necessidade que esta obra, pensada e levada adiante por *experts*, em particular, da Psicologia Política, e do amplo leque das ciências sociais, vem cobrir o vazio de participação de pessoas que pensam Nossa América de modo crítico, isto é, que se distanciam dos dogmas imperantes do neoliberalismo que ronda pelo subcontinente** e que, dessa forma, se possa pensar em alternativas libertadoras: a libertação política,

* Essa foi conhecida como a Segunda Intervenção. A primeira foi de 1838 a 1839, conhecida como "Guerra dos pastéis" (Nota dos editores).

** Observados em alguns cenários acadêmicos de lacaios imperialistas.

econômica, social e cultural de Nossa América, cujos povos a vêm reclamando com o grito na garganta. Essa libertação que, na primeira década do século XXI – e ousar dizer algo muito pródigo para o arrogante âmbito acadêmico –, teve lideranças. Protagonistas como: Lula da Silva, Hugo Chávez, Rafael Correa, Néstor Kirchner, Cristina Kirchner, Pepe Mujica e, em alguma medida, a pobre Michelle Bachelet, que não fez nada, dentro do que poderia ter feito, por ser filha de um assassinado* pelos sicários do ditador Pinochet para, de tal forma, recuperar o Estado de pleno direito no Chile.

Por isso, creio que é necessário, porque temos que pensar e sentir em nossa América, que está escapando de nossas mãos, tal como os grãos de areia entre os dedos das mãos. Está indo ao Norte, à Europa, está indo à Ásia. Não digo que temos que estar fechados entre nós mesmos e não prestar atenção em ninguém. Digo simplesmente que devemos pensar em nossas soluções e não nas soluções que os outros nos oferecem: as soluções do FMI, as soluções do Banco Mundial, dos gringos e da ONU.

Penso que temos a obrigação intelectual e moral de sair de toda esta onda de neoliberalismo barato, de baixo calão, que se instalou no sentipensamento** dos setores mais populares e proletários, e que está nos levando ao caos e ao desaparecimento.

Porém, também é necessário reconhecer que, de alguma forma, houve um giro no cenário político regional, graças ao triunfo de Andrés Manuel López Obrador (AMLO), no México – uma pessoa tão importante, que chegou a solicitar aos Reis da Espanha e ao Papa que peçam perdão pela conquista que impetraram em Nossa América, com a espada e a cruz.

Nesse sentido, espero que este dicionário venha completar e integrar uma aventura intelectual que, historicamente, se iniciou em 1987, com a publicação do primeiro compêndio de Psicologia Política Latino-americana***, o qual, sem dúvida, pode ser considerado como o primeiro manual dessa disciplina na região. Esse compêndio interessou-se, naquele momento, pelos problemas que aconteciam conosco. Lembro que o artigo que publiquei era dirigido ao tema da paz mundial a respeito das ameaças da guerra nuclear****, o que, na atualidade, pareceria um grande disparate. Mas não foi tão disparatado: a guerra nuclear segue, e a paz segue sendo necessária: o mundo necessita da paz. Estamos vendo guerras por todos os lados, e necessitamos não de orações pela paz, mas de fatos para a paz, políticos que se encarreguem de buscar a paz

* Seu pai, o General Alberto Bachelet foi membro do governo de Salvador Allende (1970-1973) e quando ocorreu o golpe de Estado liderado por Augusto Pinochet, morreu em 12 de março de 1974 logo após ser torturado no Cárcere Público de Santiago (Nota dos editores).

** Como expressou acertadamente Eduardo Galeano.

*** Refere-se ao livro *Psicología Política Latinoamericana*, organizado por Maritza Montero e publicado em Caracas pela Editora Panapo (Nota dos editores).

**** O texto mencionado é *La psicología latinoamericana ante la guerra nuclear o la lucha por la paz* (Nota dos editores).

Yinhue Marcelino Sandoval

Doutora em Psicologia. Trabalha com psicologia social, comunitária e política. Pesquisa a participação política das mulheres, violência de Estado e acompanhamento psicossocial. Acadêmica da Universidade Autônoma de Morelos, México.

Yorelis Acosta

Psicóloga Clínica e Social. Coordenadora da área de Sociopolítica no Centro de Estudos do Desenvolvimento (CENDES), Universidade Central de Venezuela. Docente em Psicologia Social na Universidade Católica Andrés Bello. Secretária-geral da Associação Ibero Latino-Americana de Psicologia Política (AILPP), gestão 2020-2022, Venezuela.

Yuri Freire de Almeida

Graduado em Ciências Sociais e mestrando em Psicologia na UFRN. Pesquisa na área de Sociologia do Trabalho, Economia Política e Psicologia Política do Trabalho, Brasil.

P

Participação política	264
Performatividade	271
Polarização política	275
Política	278
Políticas públicas	283
Políticas sociais	288
Populismo	292
Pós-estruturalismo – Jacques Rancière	298
Prisão	303
Privatização	307
Protestos, manifestações e ocupações	311
Psicologia	317
Psicologia crítica	323
Psicologia política – definição	329
Psicologia política – história	332
Psicologia política – teorias	338
Psicologia política latino-americana – métodos de pesquisa	342

PERFORMATIVIDADE

Pablo Hoyos González e Lucía Núñez Rebolledo

Podemos entender a performatividade a partir de diferentes registros históricos e diversos âmbitos disciplinares, tanto como uma qualidade do discurso, ou como característica teatral de um acontecimento concreto. Usualmente, encontramos performatividade junto a outras palavras como *performance*, *performativo*, ou *teatralidade*, as quais não se inserem em uma rede semântica, pois cada uma delas tem sua própria história, e, portanto, temos que ter cuidado em não intercambiá-las. A primeira vem das artes da vanguarda, a segunda da filosofia da linguagem, a terceira da antropologia e dos estudos teatrais, que derivaram nos estudos de *performance*, e a performatividade como tal ramifica-se na filosofia, no feminismo e na teoria crítica. Consideramos pertinente mapear cada uma delas, devido a uma finalidade pedagógica.

A *performance* na arte, a arte-ação

Além das atribuições ocidentais sobre suas origens no surrealismo, e antes de Yves Klein ousar voar desde uma parede (até um colchão que está oculto na foto)^[1], a arte-ação emerge como resposta à consternação da bomba nuclear, cuja origem se marca nas reuniões e manifestos do grupo Gutai, no Japão. No primeiro manifesto Gutai, Jiro Yoshihara exorta com urgência levar o corpo à ação, fazer do corpo um meio para reconhecer e refletir, assim como revitalizar e invocar as cicatrizes esgrimidas pelos acontecimentos violentos e traumáticos concretos^[2].

A arte-ação se desenvolveu, em muitos casos, articulada aos movimentos sociais, o protesto e a reivindicação de uma política a partir da base. Como um meio e um cenário para liberar uma luta de forças com os estados de poder cristalizados. A arte-ação traz consigo esse caráter contra a dominação, em que o corpo é um meio tanto para a crítica, a problematização e o questionamento, bem como um meio para a experimentação e a transgressão, em que opera como um laboratório multissensorial. Na Europa, origina-se ante o desastre dos campos de concentração nazistas, e depois contra a subjetividade capitalista. Encontramos na América Latina temáticas heterogêneas e plurais, como a interseccionalidade de raça, gênero, classe e identidade, que se conjugam com o uso de uma diversidade de meios tecnológicos^[3].

Começamos contextualizando a arte-ação para assentar a contingência artística da *performance* como um acontecimento que intervém na cotidianidade, que pretende

ser uma irrupção crítica enquanto gesto mínimo de resistência, oposição, dissenso contra uma ordem sociocultural, em que o corpo é o último reduto e bastião da resistência.

O performativo a partir da virada linguística

Antes da *virada linguística*, a linguagem era considerada como veículo do pensamento e um instrumento para representar o mundo. A ruptura com a tradição cartesiana nos apresenta uma linguagem que é constituinte do pensamento, e, mais que representar a realidade, é um instrumento para fazer coisas, para produzir realidades^[4]. Esta virada traz consigo outra consequência importante, desce dos céus das ideias a linguagem formal e a equipara à linguagem cotidiana, concebendo a ação científica como uma prática social como qualquer outra^[5].

Em *How to do things with words*^[6], John Austin considera a linguagem como um elemento ativo na construção da realidade social. Inseriu o caráter performativo da linguagem, em que as palavras dão conta de algo que supera a linguagem como representação, aquilo que as palavras fazem ao serem ditas em uma situação regulada. Por exemplo, sob juramento, o juiz exorta à testemunha que testemunhe, ou declara esposos àqueles que pretendem se unir legalmente na instituição matrimonial.

A linguagem foi liberada da relação entre significante e significado, sendo considerada ação sobre o mundo, sobre os demais, e sobre si própria. Neste sentido, conforme Bruner^[7], o Eu seria uma produção narrativa “situada” e “distribuída”, articulada através da demanda de *outrxs* e com *outrxs*, de alguém que fala para alguém que escuta, no qual o ato de relatar não é independente de seu conteúdo, e conteúdo e forma são indiscerníveis.

A Performance nos Estudos de performance

Os Estudos de *performance* não são um campo teórico e metodológico estável^[8], pois se forjam a partir de uma pluralidade epistemológica, e estão abertos à inovação constante. Em geral, podemos dizer que os Estudos de *performance* atendem os fenômenos sociais como se fossem *performances* a partir da metáfora da teatralidade. Têm sua origem e desenvolvimento na Universidade de Nova Iorque, a partir das contribuições dos estudos da vida cotidiana de Goffman^[9], a pragmática da linguagem de Austin^[6], a noção de “drama social” de Victor Turner^[10] e os diálogos com Schechner^[11] e seus estudos sobre teatro.

Conquergood^[12] define a *performance* a partir de três eixos, ligados entre suas perspectivas analíticas e de atividade: **(a)** como obra da imaginação e objeto de estudo; **(b)** como um método de pesquisa; **(c)** como uma tática de intervenção (e meio de ativismo político). Sua perspectiva politizadora reúne os três polos, apresentando assim os Estudos Performativos como uma plataforma analítica com um caráter posicionador inerente

(a pesquisa se reconhece como um vetor e uma posição política), bem como com potencial de incidência (visto que participa das políticas do cotidiano).

Com o passar das décadas, aumenta o volume de perspectivas e acepções sobre os Estudos Performativos, tal como nos mostra Madison e Hamera^[13]. Desde a década de noventa se pluralizam, bebendo não só de suas fontes como o teatro, as ciências sociais, os estudos feministas, *queer* e pós-coloniais, senão de um perímetro mais amplo que atravessa diferentes disciplinas como a história, a geografia, ou a biologia, das quais se originam diferentes perspectivas sobre uma mesma problemática não unitária e composta por distintas concepções do performativo.

Na América Latina, desde a Rede Latino-americana de Antropologia e a partir dos Corpos, vem se desenvolvendo a metodologia *performance*-pesquisa, em que se propôs um modo de investigação participativa com ênfase emancipatória, que conjuga pesquisa social e antropológica com técnicas de criação artísticas cuja concretização excede o formato acadêmico tradicional^[14]. Sobretudo, coloca em jogo uma nova práxis social e estética, desconstruindo a hierarquia entre saberes, entre pesquisador e pesquisado e entre o espetáculo e o espectador. Propõe mobilizar uma luta pelo sensível que busque problematizar, a partir de uma “reflexividade crítica”^[15] “corporificada”^[16], bem como criar e ensaiar novos gestos micropolíticos que procurem transformar nossas “maneiras de estar”.

Performatividade na Teoria dos atos performativos de Judith Butler

Em *Performative acts and gender constitution: An essay in phenomenology and feminist theory*^[17], Judith Butler expõe o que seria um dos eixos teóricos mais transcendentos de seu livro *Gender in trouble. Feminism and the subversion of identity*^[18]. A denominada Teoria dos atos performativos de Butler tem inspiração na teoria fenomenológica dos “atos” de Husserl, Merleau-Ponty e G. H. Mead, entre outros, bem como na teoria pós-estruturalista francesa. Em realidade, trata-se mais de uma proposta que utiliza as contribuições desses campos de conhecimento e os interpreta à luz da teoria feminista crítica para traçar que o gênero não é estável, nem produto de uma natureza, da qual emergem determinados atos, atitudes, representações e autorrepresentações, senão que se trata de uma identidade que devém da repetição estilizada de atos, de gestos corporais que constituem a ilusão de um Eu generizado permanente. Isto é, não se entende a identidade como uma substância, senão como temporal, instável e fluida. Essa maneira de teorizar o gênero impulsionou no feminismo novos e complexos debates que abriram espaço ao surgimento da corrente teórica conhecida como estudos *queer*, ou *cuir*, esta última no contexto latino-americano.

Ao contrário das posturas feministas que partem de uma concepção de gênero como efeito do sexo, entendido como transcultural, a-histórico, coerente e imutável, a teoria da performatividade de Judith Butler postula que a identidade de gênero é um resul-

tado performativo que as normas sociais interpelam. Então, o sexo é produto de atos performativos estilizados que se encarnam corporalmente, e seguindo Merleau-Ponty, em *A fenomenologia da percepção*, assume que o corpo é, mais que uma espécie natural, uma ideia histórica tal e como Simone de Beauvoir, em *O segundo sexo*, assume que “a mulher”, e por extensão, qualquer gênero, é uma situação histórica. Os atos performativos constroem o gênero, o qual é encarnado no corpo, tornando-o inteligível através de sua sexuação. O corpo é uma materialidade que porta significado de modo dramático^[17].

Os atos performativos de gênero não inscrevem significados ao corpo de forma definitiva, senão que se trata de um processo que se atualiza continuamente, daí seu aspecto de dramatização; trata-se de uma encarnação de possibilidades que não são arbitrárias, mas que se circunscrevem com convenções históricas, das quais se derivam normas sociais. Em outras palavras, a performatividade de gênero não se reduz a uma ação voluntarista. Assim, a materialização das normas que produzem os regimes de poder passa por processos identificatórios do sujeito que, de ser rechaçados, geram corpos abjetos^[19].

Como exposto, tanto a fenomenologia como a teoria pós-estruturalista francesa sobre os atos performativos e a teatralidade foram de notável utilidade para a descrição feminista crítica de gênero de Butler. Em trabalhos mais recentes, a autora vinculou a ideia da performatividade com questões que vão além do tema da identidade e do gênero, para problematizar a precariedade e como ela opera em relação a questões político-sociais, o que resulta no que tem sido chamado de *vidas precárias*.

Como tudo, a teoria dos atos performativos de Butler não está isenta de críticas e gerou posturas antagônicas dentro do feminismo. Joan Copjec^[20], por exemplo, elaborou uma das respostas mais incisivas à teoria de Butler, na qual, entre outros argumentos, destaca que Butler, em *Gender in trouble*, abandonou o problema teórico da “malícia ontológica que o sexo injeta na definição do sujeito”.

REFERÊNCIAS ON-LINE

